

INTERVENÇÃO DO
SUBSECRETÁRIO REGIONAL DA PRESIDÊNCIA PARA AS RELAÇÕES EXTERNAS

Lançamento da Antologia

“The Dabneys: a Bostonian Family in the Azores (1806/1871)”

New Bedford Whaling Museum, 16 de fevereiro de 2013

Gostaria, em primeiro lugar e em nome do Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Vasco Cordeiro, de saudar todos os presentes nesta sessão de lançamento da versão em língua inglesa da Antologia *“The Dabneys: A Bostonian Family in the Azores, 1806-1871”*.

Permitam-me ainda que inicie estas breves palavras agradecendo à Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento o convite para aqui estar, na pessoa do seu administrador, Dr. Mário Mesquita.

Saúdo também os nossos anfitriões desta tarde, o *New Bedford Whaling Museum* e o seu presidente, James Russell, e o Mayor da cidade de New Bedford, Jonathan Mitchell, cumprimentando ainda os demais intervenientes no ciclo *“The Dabney Days”*.

No contexto de uma cerimónia que devemos, justamente, perspetivar como uma homenagem às relações entre Portugal e os Estados Unidos, entre os Açores e a Nova Inglaterra, louvo a participação do Embaixador de Portugal nos Estados Unidos, Nuno Brito, assim como do Presidente da Câmara da Horta, João Castro.

Sublinhando, desde já, a inegável importância da presença, durante quase um século, da família Dabney nos Açores e o seu pioneirismo no desenvolvimento das relações transatlânticas, a nível institucional, comercial e económico, mas também – e *não*

menos importante - no âmbito da interação social e afetiva entre os dois lados do atlântico, cumprimento em especial os representantes da família Dabney, que nos honram com a sua presença.

Por fim, nestas palavras iniciais - mas não menos relevante -, gostaria de dirigir-me aos autores deste magnífico e exaustivo trabalho, iniciado com a Antologia sobre os Dabney na sua versão em português e, agora, renovada, por uma publicação preparada para o público norte-americano, em língua inglesa.

À Prof^a Doutora Maria Filomena Mónica, bem como ao Dr. Paulo Silveira e Sousa deixo, pois, o reconhecimento pelo sucesso de um trabalho de relevante interesse para a Região Autónoma dos Açores, realçando a criteriosa seleção dos textos e o seu enquadramento histórico e explicativo minucioso, bem como a certeza de que o resultado final cumpre integralmente com o seu objetivo maior: - possibilitar o acesso e leitura ao grande público e promover, assim, a divulgação que a obra "*Anais da Família Dabney nos Açores*" bem merece.

Não se afigura tarefa fácil, certamente, expressar, no espaço desta intervenção, a relevância da publicação que agora se apresenta.

Na verdade, na linguagem simples e familiar da correspondência trocada entre os Dabney – e sem prejuízo do teor mais formal das missivas, institucionais, inerentes à representação consular - entrecruzam-se, por um período alargado no tempo, diversas dimensões da vivência social, da economia e da política dos dois lados do atlântico.

São episódios singulares e visões muito particulares de décadas excepcionais da nossa História comum, na perspectiva de uma “família americana nos Açores” e em relação aos quais ninguém fica indiferente.

A mero título de exemplo, veja-se a referência, tão pessoal, de Emmie Dabney “à *suprema honra*” de uma dança com “o *Imperador*” D. Pedro ou a emoção de Charles W. Dabney Jr, em Boston, quando escreve à mãe a propósito do início da guerra da secessão, dando conta da “*terrível ansiedade em relação*” ao seu país e de que pensa “*muito no Faial e na paz e no sossego que teria nesse lugar*”.

Impressionam-nos, pois, entre tantos outros exemplos, as imagens detalhadas de um quotidiano familiar e as relações de amizade da família Dabney com personagens tão conhecidas da História dos Açores, de Portugal, da Europa e da América – em tantas áreas, das ciências naturais à literatura, passando, claro está, pelas mais altas figuras políticas da época - que passamos a “conhecer” na intimidade, através do relato dos momentos de convívio, cordialidade e amizade da época.

A leitura desta Antologia - *um pouco à semelhança do que fizeram os Dabney do final do século, com as fotografias que tiraram à “sua” cidade da Horta e ao Faial* – é, efetivamente, entusiasmante pelos “quadros” que nos dá a conhecer sucessivamente, pela riqueza dos relatos e pela visão única que apresenta ao longo das quase sete décadas dos “Anais”.

John Bass Dabney - *um exemplo de empreendedorismo, diríamos hoje* - escolheu a Horta para se fixar porque esta cidade açoriana tinha o melhor e mais adequado porto natural e porque o Faial era já a base de um frutuoso comércio transatlântico, que os Dabney iriam aprofundar, desenvolver e dominar, por um longo período.

Transversal a todo o texto – e digo-o com indisfarçável orgulho - é a descrição e o elogio às belezas naturais, não apenas do Faial, mas das várias ilhas e localidades dos Açores, bem como o facto de serem consideradas indubitavelmente “*favorecidas pela natureza*”.

Por outro lado, é também notória a evolução positiva da ligação desta família à Horta, ao Faial e aos Açores, bem como às suas gentes.

Os relatos dos primeiros tempos, de John Bass, são efetivamente carregados de observações de cariz etnológico e antropológico, influenciados também por naturais preconceitos, desconhecimento e comparações a outras realidades e metrópoles.

Mas o sentimento familiar desenvolve-se, principalmente com Charles W. Dabney, para uma grande proximidade afetiva. Este sentimento é, aliás, claramente traduzido pelas palavras de Roxana Dabney, autora dos “Anais”. Esta, nas suas notas, refere-se às ilhas como “*os nossos Açores*” e, antes, em 1867, numa carta, afirma que “*todos concordamos que provavelmente não seríamos mais felizes em qualquer outro lugar*”.

Do mesmo modo, o relacionamento com as elites locais, e integração nos hábitos sociais – *como os alimentares, as celebrações natalícias e festividades* - reflete uma evolução, partindo do

desconhecimento e relutância iniciais, bem como da dificuldade de adaptação da primeira geração, para a descoberta de interesses comuns e para um intenso convívio social e familiar.

No período final desta “estadia prolongada” nos Açores, privilegiam-se, assim, os relatos de encontros, de visitas, de festas, bem como as trocas de conhecimento, por exemplo, na área da botânica, com “*gentlemen farmers*” insulares como António Borges, José Jácome Correia e José do Canto.

Assistimos, por outro lado, através do olhar Dabney, à própria evolução social do século XIX insular, à crescente educação e riqueza dos “morgados” e à nobilitação da burguesia comercial das ilhas.

Por outro lado, no que diz respeito à economia, acompanhamos a evolução de um século claramente marcado por dois períodos:

- O primeiro, de abertura e de crescimento, ligado ao “ciclo da laranja”, mas que, no Faial, se assume ligado também ao vinho do Pico e à baleação, em que os Dabney são interlocutores maiores na atividade económica e ligações comerciais, não apenas com a costa leste dos Estados Unidos, mas também no espaço atlântico da macaronésia (Madeira e Canárias), até à América do Sul, passando pela Europa.

Neste contexto, os Dabney são, efetivamente, pioneiros das relações transatlânticas, não apenas porque exportavam laranja, vinho e produtos derivados da baleação, mas também porque importavam aquilo que as ilhas tanto precisavam.

Como tão bem resume John W. Dabney *“uma grande parte das coisas que este povo quer do estrangeiro é quase exclusivamente fornecida pelos Estados Unidos, como tábuas, vigas de madeira, cera, arroz (...) e que, por isso, passam todas pelas minhas mãos (...)”*, facto que lhe permite *“tomar uma posição dianteira nesta ilha”*:

- O segundo período, a partir de meados do século, pelo contrário, é marcado pelo declínio e corresponde também ao progressivo afastamento dos Dabney, até à sua partida definitiva em 1892.

Não deixa de ser, neste contexto, interessante verificar que os relatos dos últimos anos incluídos nos “Anais” (ou seja, antes de 1871), não obstante a antecipação de 20 anos em relação à partida definitiva da família, expressam já os motivos da saída e antecipam o aproximar de um novo ciclo para os Açores.

Como feito, vemos a expressão do declínio económico do ciclo que marca a presença dos Dabney nos Açores, através de referências, aqui e ali, à diminuição dos barcos que aportavam ao Faial.

E na verdade, as doenças da vinha e dos laranjais, a partir da década de 50, representaram um duro golpe na atividade de exportação dos Açores, assim como o desenvolvimento tecnológico dos “vapores”, que precisavam cada vez menos de escalas para se abastecerem e que, quando o faziam, escolhiam crescentemente o porto de Ponta Delgada.

Não indiferente a esta constatação, Charles W. Dabney procura intervir, por um lado, para evitar o final deste ciclo, nomeadamente através da construção de um porto artificial na Horta e, por outro,

para tentar antecipar aquele que seria o período seguinte para a ilha do Faial – a amarração dos cabos telegráficos submarinos.

Neste sentido, são exemplares as suas palavras, em finais da década de 70, achando “*que talvez tivesse feito alguma coisa pelo Faial no que respeitava à doca e ao cabo*”.

Em ambos os casos, não veria concretizados os empreendimentos no tempo da sua vida, mas Charles Dabney não foi, decididamente, um sujeito passivo no que toca às dinâmicas internas da própria Região. Pelo contrário, procurou intervir na defesa da sua ilha e da sua cidade.

É relevante, por isso, um olhar mais atento de um ponto de vista político, - pois nem sempre é uma decorrência direta ou evidente dos textos -, sobre a evolução da interação do Faial e da Horta nas perspetivas de “centralidade atlântica”, de “periferias do arquipélago” e de “periferia do Açores no contexto português”.

Por outro lado, nessas páginas finais, assistimos ao reconhecimento das autoridades locais, nomeadamente através do “*testemunho do Senado da Horta e outros cavalheiros do Faial para Charles W. Dabney*”, de 1863, relativo “*aos muitíssimos importantes serviços prestados*” por este e pela “*sua muito estimada família nas várias crises políticas e períodos de aflição por que passou o povo do Faial*” e que “*não podem ser estimados em demasia*”.

Por isso – e antes de terminarmos – não podemos deixar de salientar a ação de Charles W. Dabney junto das populações mais desfavorecidas, em particular, as crises de meados do século XIX, conhecidas como as épocas das grandes fomes.

Com efeito, Dabney, por diversas vezes, organizou a vinda de alimentos, nos seus navios e a preços de custo, para as populações desfavorecidas, assim como temos inúmeros outros exemplos das suas ações em favor das ilhas, em especial do Faial e do Pico.

Na verdade, à medida que as décadas do sec. XIX passavam, o progresso tardava em chegar aos Açores. A ruralidade, a dispersão territorial, a pobreza, a dependência de mercados externos e incertos e a falta de uma rede de transportes não se alteravam, o que levou ao desânimo e à imigração de milhares.

Foi, assim, também por via da emigração para os Estados Unidos – e em particular através das embarcações baleeiras dos Dabney – que se iniciou mais uma dimensão fundamental desta relação profunda que une os Açores aos Estados Unidos: a presença das comunidades de emigrantes e de descendentes de emigrantes dos Açores.

É esta, parece-me, uma linha condutora e fundamental destas décadas de relatos contidos na Antologia dos Dabney: - as particularidades e especificidades dos Açores, em tantas dimensões, bem como o empreendedorismo e dinamismo de alguns empresários e comerciantes, a par da difícil situação das populações.

Em 1892, quando os Dabney partiram definitivamente da Horta, do Faial e dos Açores, estava-se, efetivamente no final de um ciclo.

Em 1892, Portugal estava em profunda crise, política, de valores e financeira e que, em última análise, levou à queda da Monarquia no início do século XX.

Em 1892, os Açores viam apresentada nas cortes portuguesas a proposta de autonomia dos distritos de Aristides Moreira da Mota, uma iniciativa de inspiração federalista, que não teve sucesso, mas que abriu caminho à consagração da primeira Autonomia, em 1895.

O sonho destes Açorianos do século XIX só viria a consagrar-se, definitivamente, com a a Autonomia Política e Legislativa do Açores em 1976, mas foram sem dúvidas esses pioneiros que abriram caminho ao progresso e ao bem-estar que só foi possível construir décadas após.

E no ano seguinte à partida dos Dabney, em 1893, a Horta e o Faial, viam concretizada a amarragem dos primeiros cabos submarinos, com a posterior instalação na Horta de diversas companhias, dinamizando uma economia faialense em decadência e abrindo um novo ciclo na história da ilha do Faial.

Esta antologia é, assim, um livro de muitas histórias dentro da História e, acima de tudo, uma celebração da amizade entre os Estados Unidos e Portugal, entre a Nova Inglaterra e os Açores.

É inegável a importância da presença da Família Dabney na Horta e nos Açores, cujo legado permanece bem visível na memória, bem como na arquitetura, na botânica e em outras dimensões, em especial na ilha do Faial.

A importância geoestratégica e o papel preponderante nas relações transatlânticas da baía da Horta, que acolheu os Dabney no século XIX, é, por seu turno, igualmente inquestionável.

Os Açores, o Faial e a Horta assumem como vocação a sua relação com o Mar, assim como a sua posição atlântica de elo de ligação entre a Europa e a América, desde a era dos descobrimentos e no “século dos Dabney”, da navegação a vapor às comunicações telegráficas, passando pelas primeiras travessias aéreas do atlântico, em hidroaviões.

Acima de tudo, hoje e sempre, a Horta e os Açores – *assim como New Bedford, Boston e a Nova Inglaterra* – permanecem como um ancoradouro e um porto seguro para marinheiros e velejadores, aproximando os dois lados do Atlântico.

Rodrigo Oliveira

Subsecretário Regional da Presidência para as Relações Externas

Governo da Região Autónoma dos Açores